



QUAL A RELIGIÃO DO CURRÍCULO? INDAGAÇÕES, CONCEPÇÕES E REFERENCIALIDADES AO ENSINO RELIGIOSO

Mirinalda Alves Rodrigues dos Santos; Deyve Redyson

Universidade Federal da Paraíba- mirirodrigues2@gmail.com; Universidade Federal da Paraíba- dredyson@gmail.com

Resumo: Este artigo tem o objetivo de promover a reflexão do Ensino Religioso enquanto componente curricular, bem como as implicações e controvérsias de como é compreendido esse ensino no currículo escolar, apontando para a desconstrução e a ressignificação de práticas pedagógicas confessionais e prosélicas. Nessa perspectiva, apontamos aqui novos olhares e concepções acerca desse ensino, uma vez que temos a área da (s) Ciência (as) da (s) Religião (ões) a nível de graduação e pós-graduação que é a parte teórica e metodológica do Ensino Religioso, ao qual esse ensino se compromete em abordagens empíricas de transposições didáticas e pedagógicas dessa área. Nesse tocante, apresentamos iniciativas como um projeto de extensão para formação de professores de Ensino Religioso que apesar de estar em andamento podemos perceber que está obtendo resultados significativos para o reconhecimento do Ensino Religioso no currículo escolar que contribui para formação humana do cidadão, reconhecendo o outro e respeitando as diferenças, as particularidades diante da diversidade cultural religiosa.

Palavras-chave: Ensino Religioso. Currículo. Escola.

Introdução

Em um contexto de diversidade que se constitui a nossa sociedade as questões de pluralismo religioso ganham cada vez mais espaços no campo das discussões, no que refletem aos espaços escolares, sejam elas formais ou não. Partindo do pressuposto que a escola é um espaço de diálogo que integram temas e debates que emergem entre as relações, sociedade e sujeito, para fins de ações educativas as temáticas de diversidade cultural religiosa são importantes para desconstruirmos preconceitos e (pré) conceitos que ao longo do tempo vem se legitimando com intolerâncias teóricas e metodológicas, inferindo na construção de saberes nos âmbitos escolares. Considerando que as trocas de saberes nas escolas, em tese, deveriam estar em diálogos com as culturas globais e locais e as diversidades devem ser consideradas nesses espaços, assim, compreendemos que os processos de aprendizagens se dão em quaisquer mecanismos, inclusive quando nos referimos às questões religiosas e um desses mecanismos é de Responsabilidade ao Ensino Religioso (ER). É nesse sentido que levantamos tais problemáticas: Qual é o espaço do Ensino Religioso no currículo escolar? No campo educacional quais os saberes que queremos com



esse ensino? Como os processos de ensino e aprendizagens se estabelecem no Ensino Religioso? Quais são os objetivos desse ensino?

Diante de tais questionamentos reconhecemos que o Ensino Religioso no que diz respeito aos seus aspectos epistemológicos está indefinido no campo educacional brasileiro, uma vez que discursos de lideranças religiosas cristãs sempre foram reverberadas historicamente nesses espaços promovendo a discriminação com as demais religiões. Em contrapartida a essas concepções, defendemos nesse estudo uma nova visão a esse ensino, ressignificando concepções que ao longo do tempo foram fundamentadas em imposições religiosas e o Ensino Religioso enquanto componente curricular nos dias atuais está dando novos sentidos aos saberes intercalados ao respeito, ao reconhecimento de identidades dos sujeitos, as subjetividades, as diferenças e as diversidades culturais.

Metodologicamente esse estudo é de caráter qualitativo em que se faz um relato de experiência dos autores enquanto coordenadores e professores formadores em um projeto de Extensão para Formação Permanente de Professores de Ensino Religioso, esse estudo faz também abordagens bibliográficas com interlocuções com autores que dialogam com as questões de currículo como, Pacheco (2009); Sacristán (2012); Silva (1999) entre outros referenciais. Para as discussões do componente curricular Ensino Religioso partimos das concepções de Soares (2015); Rodrigues (2015); Baptista (2015), entre outros autores.

Nessa tocante, esse artigo está expresso em tessituras que consolidam as reflexões abordadas em duas partes, primeiramente faremos um levantamento de como o currículo escolar se constitui acerca dessas questões de cultura e diversidade e quais são seus aspectos implicativos no conhecimento escolar no que diz respeito às questões ligadas ao Ensino Religioso. Em seguida, abordaremos como esse ensino contribui para as discussões de currículo que promovem o respeito à diversidade cultural religiosa e superação de quaisquer atos discriminatórios quando se relaciona religião e educação. Assim, contemplando o diálogo entre a área da (s) Ciência (s) da (s) Religião (ões) – CR¹ dando um novo significado e sentido ao Ensino Religioso que essa área no campo educacional ainda é desconhecida.

2. Currículo, cultura, diversidade e conhecimentos no Ensino Religioso

¹ Ver MIELE, Neide; Possebon, Fabricio. **Ciências das religiões: proposta pluralista na UFPB**. Numem. Juiz de Fora, v. 15, p. 403-431.



A escola por meio do seu currículo sempre foi um espaço de legitimação, imposição e domínio entre as culturas e assim, sempre foi vista como instrumento de relações de hegemonização de saberes e de poderes², sendo impostos através dos componentes curriculares esses conhecimentos que são usados de forma de controle social, conhecimentos estes que são determinados e qualificados como verdadeiros e desqualificando outros. E com o Ensino Religioso não foi diferente, uma vez que esse componente curricular nas escolas ao longo do tempo sempre foi instrumento de controle e poder para os discursos religiosos cristãos, essa problemática continua presente nas escolas e devido a isso nas discussões e teorias de currículo escolar existe uma preocupação muito forte acerca desse ensino, no que diz respeito inclusive à negação das tradições, ritos e especificidades de outras espiritualidades, religiosidades e até mesmo de espiritualidades não religiosas.

Sendo assim, direcionando nosso olhar para o contexto atual que vivemos nos deparamos com situações de discriminações, fanatismo e intolerância religiosa no âmbito escolar, inclusive no que diz respeito às religiões de matrizes africanas, como por exemplo, o caso no Estado do Rio de Janeiro em que uma menina de 11 anos foi apedrejada por ser do candomblé. Este é mais um caso de muitos no Brasil que envolvem questões de preconceito de religião. Diante dessas situações discriminatórias apontamos para as discussões de currículo, cultura e conhecimento e a escola enquanto formadora de sujeitos deve ser um espaço de promoção ao respeito e levar os alunos a refletirem acerca desses atos preconceituosos e que possam levar os mesmos ao reconhecimento da diversidade cultural religiosa.

Mas de que forma podemos promover aos alunos essas concepções de respeito? Quais são os caminhos que podem levar a isso? Como o currículo escolar contribui para essas questões? Esses questionamentos são importantes para refletirmos acerca de uma problemática que vai além das discussões curriculares, ou seja, acreditamos que existe um caminho que pode ser trabalhado nessas questões apontando para a valorização do outro e respeito à dignidade da pessoa humana e a diversidade cultural, esse caminho será através do componente curricular Ensino Religioso. Mas, antes de adentrarmos nessa discussão gostaríamos de fazer a reflexão para as discussões das teorias curriculares, que currículo queremos na escola? O currículo ele é segregador? O currículo não reconhece todos os saberes? Como o currículo compreende as questões de intolerância religiosa? E de que forma o currículo organiza os conhecimentos diante das questões de diversidades religiosas?

^{2 2} Ver BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz, 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.



Trabalhar as questões de diversidade cultural e religiões não são necessárias no currículo? Qual componente curricular mais apropriado para discutir diversidade cultural religiosa?

Essas questões demandam novas análises de questões de currículo, Sacristán (2012) atenta para os debates no currículo escolar acerca das questões religiosas, sendo um espaço para as discussões entre a escola, o currículo e a cultura. Assim, o seu olhar se direciona para as problemáticas de um contexto de globalização, no qual conflitos surgem em um campo de disputas internacionais que devemos considerar sobre o que se tem além das causas que nos são demonstradas, nesse sentido, o autor nos apresenta como exemplo, o atentado das Torres Gêmeas nos Estados Unidos, no qual prevaleceu os discursos religiosos discriminatórios para com o Islamismo, para o autor:

Uma dimensão do problema, mais sutil do que o trauma causado por esses fatos nos produz, reside na consciência do papel que algumas ideias - a cultura, as crenças religiosas - desempenham em fatos como esse, para além de outras considerações determinantes, históricas, geopolíticas e econômicas. A cultura é importante para dar consistência a mal-estares, infligir danos, desvalorizar os outros, sentir-se superior aos outros para justificar e preparar a ação. Nós, que temos em nosso saldo histórico particular “reconquistas”, “conquistas”, “cruzadas” e as mais variadas guerras de religião que puseram a espada a serviço da cruz, deveríamos saber muito esse respeito. (SACRISTÁN, 2012, p.49)

Essas questões de conflito entre culturas e crenças são heranças historicamente construídas de dominação que se dão por meio dos mecanismos da cultura predominando as questões de religião. Então esses discursos de preconceitos religiosos vêm prevalecendo em um contexto global e, assim acontece no contexto brasileiro que evidencia as religiões cristãs e discriminando as demais religiões inclusive as religiões afro-brasileiras. Neste caso, entendemos que essa construção social preconceituosa diz respeito as nossas concepções e visões de mundo aos quais nos levam a reproduzir, manter as dominações, referenciar conhecimentos frutos dessas construções nos conhecimentos escolares. Continuando dialogando com Sacristán (2012, p. 53-54)

É importante considerar as representações mentais dos indivíduos, as ideias sobre o outro, o entendimento das situações humanas de conflitos, as imagens que elaboramos de nós mesmo em relação aos outros. E esse é o terreno da educação. A cultura é algo que caracteriza grupos humanos diferenciados e que cada indivíduo assimila de forma única. [...] Se os conflitos têm parte de suas causas nas crenças e na cultura, ou se articulam em torno delas, isso significa algumas de suas raízes estão em nossas mentes, posto que as culturas não são agentes dotados de vontade e de capacidade de iniciativa para se enfrentarem. Somos nós, os sujeitos que as possuímos, que empreendemos ações. Se em nossas mentes encontra-se a chave de alguns desses conflitos de convivência, na educação pode encontrar-se alguma segurança de poder resolver os primeiros e consolidar a segunda.



Nesse sentido, conforme o autor, essas reflexões devem estar presentes nas escolas no que se trata na promoção do reconhecimento dos diferentes e o respeito mútuo no que se refere às diversas culturas e crenças. Essas discussões atuais devem favorecer a ressignificação do currículo escolar diante dessas tramas emergentes, no entanto, falamos tanto em ressignificação nas teorias de currículo e nessa compreensão somos levados a refletir como se dá essas teorias de ressignificação do currículo na perspectiva de questões de religiões no contexto escolar? Uma vez que “[...] o currículo enquanto conteúdo de aprendizagem, estrutura e molda o sistema educativo definindo quer a seleção e organização do conhecimento, quer os itinerários de aprendizagem dos alunos em contextos de educação e formação formal, não formal e informal.” (PACHECO, 2009 p.55). Dessa forma, o currículo é utilizado nos espaços escolares como estrutura de saberes e seleção de conteúdos, esses aspectos que circundam o currículo podem ser levados em consideração não apenas em aspectos negativos, mas se direcionarmos para o campo das discussões de questões de conflitos culturais podemos assim, utilizar a favor da promoção de respeito em diversos seguimentos inclusive de crenças religiosas. É comum, dentro dos currículos que hoje são implementados no Ensino Religioso um certo privilegiamento da tradição cristã, que incorpora, nesse sentido, a base curricular ensinada, ferindo, dessa forma, a legitimação de um currículo que análise, interprete e verifique conteúdos mínimos para uma apreensão mais completa das tradições religiosas e não religiosas, como as espiritualidades e até mesmo o ateísmo.

A problemática que envolve essa questão corresponde às fronteiras que existem no que tange o reconhecimento do ER enquanto componente curricular quando nos direcionamos para o campo do currículo, isto é, no próprio campo das teorias de currículo ignorou-se a existência de uma discussão preliminar destas competências. Compreendemos que as críticas das referencialidades do currículo que adota o ensino prosélito e confessional é de fato pertinente no contexto escolar na esfera pública que defendemos politicamente como um espaço de reconhecimento do outro e repudiar atos de exclusão, sejam sociais ou principalmente de caráter religioso e confessional.

O que queremos mostrar é que muito se tem avançado hoje na área de ciência(s) da(s) religião(ões), quando nos remetemos a esse ensino, nos aspectos teóricos e metodológicos e defendemos que o único caminho para se tratar dessas questões de diversidade cultural religiosa é através da ressignificação do currículo direcionado para o Ensino Religioso. Pois, no que tange as concepções desse ensino o currículo voltado no componente curricular ER em uma perspectiva referencial dá significados e sentidos influenciáveis no modo de pensar, agir na estreita relação



escolar, professor e aluno fazendo ponte com o diálogo intercultural³ no mundo multicultural combatendo quaisquer formas de violência religiosa.

Mas por que só através desse ensino que pode ser tratado essas questões? Por que não nos conteúdos de História? É importante tocarmos nessas indagações para nos preocuparmos exclusivamente na formação dos profissionais desse ensino, uma vez que o professor de Matemática não pode lecionar História, nem outras disciplinas as quais não está apto a ministrar os conteúdos do componente curricular e por que só no Ensino Religioso qualquer profissional pode lecionar? Muito se tem escutado que o professor de História é mais indicado para falar de Ensino Religioso, defendemos aqui que não é possível, pois se pensarmos sempre assim, nunca iremos ter um Ensino Religioso que valoriza e respeite as demais crenças e não crenças religiosas, o mesmo não tem formação adequada para tratar além das questões religiosas, as não religiosas e outras espiritualidades, assim somente o professor de ER, através de uma formação consistente, poderá abordar tais temáticas que entendemos ser peculiares a quem as estuda. E essa formação é de responsabilidade a área da(s) Ciência(as) da(s) Religião(ões) fazendo com que possamos ter a compreensão de que o espaço escolar não é um lugar de doutrinação religiosa. A formação e a estrutura da formação de cada área e de grande importância quando falamos no processo de ensino-aprendizagem da escola e da implementação destas perspectivas no currículo, pois falar de diversidade religiosa e cultural na escola requer preparação específica, pois, se mesmo não acontecer, a possibilidade de uma forma prosélita de ensino tende a crescer, ferindo assim o que chamamos de legitimação curricular da formação em Ciência(as) da(s) Religião(ões).

3. Ensino Religioso - Ciência (as) da (s) Religião (ões) – Currículo

O Ensino Religioso em uma compreensão de reflexão atual vem sendo palco de discussões no que diz respeito à formação de professores, uma vez que o Estado ao adotar esse ensino pensa nessa formação tentando atender as demandas locais e específicas, ou seja, a formação não é pensada de forma global apesar de termos iniciativas em esferas públicas e privadas, outra questão que também deve ser levada em consideração diz respeito à falta de Diretrizes Nacionais para esse componente curricular, uma vez que prevista na constituição é garantido para todas as áreas de ensino para formação docente (RODRIGUES, 2015), e no caso do Ensino Religioso por que não há

³ Para Candau (2008, p. 52) “A perspectiva intercultural esta orientada à construção de uma sociedade democrática, plural, humana, que articule políticas de igualdade com políticas de identidade”.



preocupação de garantir a formação desses docentes? Essa lacuna nas políticas públicas para com o Ensino Religioso é que deve ser colocada diante dessa situação.

Apesar desse ensino no campo das políticas públicas educacionais não está sendo tratada com a devida seriedade, temos iniciativas de cursos de Graduação e Pós-graduação em CR que gradativamente vem surgindo em todo o Brasil e tenta sanar essas lacunas no contexto educacional enquanto espaço políticos e pedagógicos a área, nesse sentido, passa a ser compreendida como elemento de suporte teórico e metodológico adequado para formação docente do Ensino Religioso, no entanto, a área passa a ser compreendida como parte empírica que dá suporte teórico, metodológico, didático e pedagógico ao Ensino Religioso, ou seja, “não tratar o ER como área de conhecimento autônoma, mas antes como a prática do que a Ciência da Religião produz como conhecimento”. (SOARES, 2015, p. 46). Outra questão que envolve uma das problemáticas e, é alvo de críticas contra o Ensino Religioso, diz respeito a sua nomenclatura, no qual concordamos, pois nos dá a impressão de uma doutrinação religiosa em que apenas uma religião é ensinada nas escolas

Nesse sentido, devemos ter uma visão mais ampliada desse ensino, que as práticas curriculares, didáticas e pedagógicas consolidadas e embasadas em uma área que fornece questões de cunho teórico e metodológico para esse componente curricular é o caminho que temos para superação de práticas educativas segregadoras, prosélicas e confessionais. Para tanto, é preciso que as construções de currículo voltado para esse ensino caminhem para um entendimento mais ampliado e perceber esse componente curricular que pode contribuir para o respeito da diversidade cultural e religiosa, tratando de aspectos que não se limitam a crenças, mas todas as formas de crer como também de não crer. Se o currículo para o Ensino religioso não estiver aberto para a diversidade cultural religiosa ele acaba se limitando e interferindo nas possibilidades de resignificação e (re)construção curricular.

O que também interfere para a visão desse ensino em prol da pluralidade religiosa é a falta de conhecimento da área, limitando assim nas práticas educativas confessionais que ainda são presentes em muitas realidades escolares. O que é necessário para mudar essa realidade é a inserção de forma crítica das discussões atuais do Ensino Religioso no campo do currículo e abrir para as discussões de como esse ensino está sendo estabelecidos em espaços escolares de forma efetiva nas reflexões de diferentes, de subjetividades, de construções de identidades, do reconhecimento de si e do outro entre outras questões que são importantes para construção do respeito e promoção da cultura de paz entre crenças religiosas e não religiosas e outras



espiritualidades. Dessa forma, diante de uma compreensão das perspectivas de teorias pós- críticas de currículo, Silva (1999, p. 150), afirma que:

Em suma, depois das teorias críticas, não podemos mais olhar para o currículo com a mesma inocência de antes. O currículo tem significados que vão muito além daqueles com os quais as teorias tradicionais nos confinaram. O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja a nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade.

Diante dessa abordagem que Silva aponta, entendemos que o currículo pode ser evidenciado de formas nas quais limitações em espaços escolares não são cabíveis, o currículo abrange inúmeras formas de construção de conhecimentos e possibilita a construção de identidades de sujeitos em uma relação de percepção de sociedade – sujeito – ação, lidando com as particularidades. Em virtude dessa concepção de currículo que problematiza as questões de etnias, raças e de crenças como pode ser restrito as concepções de um Ensino Religioso pautado no respeito da pluralidade religiosa. Partindo desse ponto de vista de currículo o entendimento desse ensino ser prosélito está equivocado, uma vez que partimos de uma perspectiva de manifestação religiosa nas diversas tradições culturais. Outra coisa que deve ser levada em consideração dentro desta perspectiva é que o Brasil se configura como um estado laico, dessa forma, o proselitismo dentro da escola seria inaceitável.

Apesar de estarmos em uma construção de identidade, o Ensino Religioso está em um caminho de consolidação, que vão além dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso (PCNER), produzido pelo Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso (FONAPER)⁴, uma vez que foram formadas por grupos de professores e lideranças religiosas, iniciativas essas que embora sejam em prol desse ensino ainda deixam lacunas e necessidades de desvincular o Ensino Religioso totalmente de órgãos religiosos ou igrejas. Para tanto, devemos nos abrir para o novo que busca novos olhares para esse ensino que diante das incertezas compreende o Ensino Religioso como parte integrante da formação humana e cidadã e promovendo valores que ao longo do tempo no âmbito educacional foram perdidos devido ao mundo de competição, discriminação e preconceitos.

A falta de materiais consistente e pedagógicos para o Ensino Religioso também é uma problemática a ser levada em consideração, o professor que não tem a formação adequada ao pegar um livro didático que em tese é confessional, por exemplo, adotado pela secretaria da educação vai

⁴ Para maiores informações ver site do FONAPER, disponível em <<http://www.fonaper.com.br/>>



reproduzir e transferir os conteúdos que ali se encontram, nesse caso, essa percepção é resultado de descompromisso para com esse ensino das Secretarias Municipais e Estaduais da Educação. Esses descasos das Secretarias da Educação são previstos no diálogo que Garcia com Moreira faz com no livro *Currículo na contemporaneidade: desafios e incertezas* (2012), direcionando as reflexões de como as Secretarias devem agir diante dos impasses educacionais, de acordo com os autores,

[...] importante ressaltar que uma Secretaria precisa dizer para que veio. Ela tem que ter princípios que quer ver implantados. Precisa defendê-los e orientar a rede para que eles se concretizem. Além disso, se a escola sente dificuldades e pede apoio, a secretaria não pode se negar a apoiar. [...] Mas, e se a escola não pede? [...] De qualquer modo, julgo que a Secretaria precisa ir à escola, conhecer a escola, ver o que se está fazendo, como está fazendo, compreender a escola e seus interesses. A escola precisa aceitar que se trata de um dever da Secretaria, não é só um direito. Também considero fundamental que a Secretaria conheça os bons trabalhos que as escolas estão fazendo e que divulgue esses bons trabalhos. (GARCIA E MOREIRA, 2012, p. 38)

Porém diante de tais situações não podemos nos limitar apenas nas críticas acerca desse ensino em diversas esferas inclusive no campo do currículo escolar, pois devemos apontar as lacunas e refletir o que fazemos para mudar essa realidade. A nossa proposta é apresentar iniciativas Estaduais que promovem o Ensino Religioso de forma de compreensão ao respeito das diferenças e diversidade cultural religiosa, que pensam nesse ensino com compromisso e seriedade O ER pensado nas esferas públicas (Federais e Estaduais), como exemplo, a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), que através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvem atividades educativas nas escolas públicas, e o Ensino Religioso nesse contexto é socializado e aplicado às abordagens teóricas e metodológicas da área CR. Uma vez que ambas as universidades tem o curso de graduação em CR, em que os licenciados saem aptos para lecionar o Ensino Religioso.

Já no Estado da Paraíba (PB) que foi o pioneiro na criação do curso de graduação em Ciências das Religiões, tornou-se referência em iniciativa (dentro esfera pública federal) de Projeto de extensão para formação permanente de professores de Ensino Religioso, que, em uma parceria com o Departamento de Ciências das Religiões (DCR), com o Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões (PPGCR) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), juntamente com a Secretária de Educação e Cultura (SEDEC/JP), Diretoria de Gestão Curricular, Divisão de Planejamento, articulação e avaliação do Ensino Religioso (DGC-ER) da Prefeitura Municipal de João Pessoa/PB o tornou possível. Esse projeto de extensão está em andamento e teve início no ano de 2016, o público alvo desse projeto são professores efetivos e prestadores de serviço da rede



municipal e estadual de ensino, o público é diversificado em que há professores licenciados no curso de CR, bem como professores que já fizeram mestrado no PPGCR/UFPB, como também licenciados em outras áreas de ensino. O projeto de extensão tem como objetivo fornecer formação adequada e sem proselitismos para que os professores que trabalham com o Ensino Religioso possam perceber que as bases curriculares devem ser constantemente dialogadas de modo crítico para que possamos implementar nos alunos as ideias diretrizes de uma educação para paz nutrida da diversidade religiosa e cultural.

O curso de Extensão é dividido por módulos que são constituídos em bases das Ciências das Religiões e sua contribuição ao Ensino Religioso, os métodos e práticas do Ensino Religioso nas escolas e religiões, temas e diversidade, este último direciona para abordar as tradições religiosas específicas como, por exemplo, Religiões Orientais, as Afro-brasileiras, as Indígenas, as Islâmicas, as Espíritas, as Judaicas, Cristãs, como também as Mitologias ocidentais e orientais, os fenômenos Religiosos nos Novos Movimentos (Expressões) Religiosos(as), Ateísmo, Agnosticismo e Nihilismo, entre outras.

Primeiramente o curso foi iniciado com três módulos introdutórios elencando claramente que o Ensino Religioso em seus aspectos históricos, legais e metodológicos devem estar em consonância com a promoção da compreensão das abordagens que envolvem as Ciências das Religiões no componente curricular Ensino Religioso, uma vez que “o Ensino Religioso trabalha com conteúdos da dimensão mais profunda do ser humano – a espiritualidade e a relação de transcendência” (NASSER, 2013, p. 26). Nesse sentido, o módulo foi em torno para a percepção dos professores enquanto profissionais que lecionam esse componente curricular, nosso intuito de (des)construir quaisquer relações desse ensino com a tradicional aula de religião catequética, deixando-os flexíveis e conscientes da proposta do curso e abertos para os próximos módulos que direcionam para específicas tradições religiosas.

Com relação aos módulos específicos tivemos as Religiões Afro-brasileiras, no qual as professoras formadoras além dos aspectos teóricos desenvolveram atividades com mostra de vídeo infantil sobre os Orixás, também foi feita oficina de como fazer molduras e desenhar Orixás para trabalhar com as crianças de diversas maneiras e teve apresentação de cânticos advindos dessa religião, aos quais muitos conheciam, porém não associavam a essa tradição religiosa. Depois desse módulo tivemos o de Mitologias, onde foram abordados temas como Mitologias greco-romana e celeste, no qual foi elaborada uma apostila para os professores compreenderem e desenvolverem atividades escolares, e até o momento tivemos o módulo das Religiões Orientais, mencionando



temas como espiritualidade chinesa a tradição a Índia, os professores desse módulo abordaram cada particularidade dessas tradições religiosas e apresentaram como poderiam ser desenvolvida e aplicada atividades em sala de aula com mostra de Tai Chi Chuan e Mandalas para colorir.

Diante disso, podemos perceber que o projeto apesar de estar em andamentos, está obtendo resultados significativos no que fomenta o processo de ensino-aprendizagem, pois cada professor formador especialista em seus respectivos módulos, pensam e agem de forma didática com a preocupação de como trabalhar essas atividades na educação básica, claro que não existe receita de como ser feita as atividades, uma vez que cada realidade difere do contexto. Mas, pode facilitar conhecimentos e caminhos com determinados objetivos de aprendizagem no currículo o qual “sugere conhecimentos e experiências que contribuam para formar sujeitos autônomos, críticos e criativos” (CANDAU E MOREIRA, 2008, p.21). Podemos afirmar, então que a formação é de fato um viés de aprendizagem em todas as partes envolvidas, pois todos aprendem com as trocas de conhecimentos e experiências em sala de aula, fazendo com que cada professor ao trabalhar teoricamente determinadas religiões possa trazer como perspectiva pedagógica de como pode ser aplicado esses conteúdos nas atividades desenvolvidas no Ensino Religioso, tanto para o Ensino Fundamental I e II como na Educação de Jovens e Adultos.

4. Conclusão

Diante das tensões de controle historicamente que o Ensino Religioso vem sofrendo em seu currículo escolar, esse ensino vem se reconfigurando dando novos sentidos e significados no contexto atual das relações entre sociedade-escola-currículo. Essa relação requer um novo olhar de como os espaços escolares se constituem diante desse ensino, quais elementos podemos chegar à promoção do Ensino Religioso não confessional. É nesse sentido que abordamos nesse estudo concepções de um ensino voltado para o respeito diante da diversidade cultural religiosa e apresentamos que um viés para superação de uma educação catequética é através da formação inicial e continuada em Ciência (s) da (s) Religião (ões) que pode dar subsídios teóricos e metodológicos e desconstruir práticas e compreensões de cunho confessional e prosélito a esse ensino.

Diante do exposto, apresentamos um projeto de extensão desenvolvido pela UFPB e pela SEDEC/JP que apesar de estar em andamento, percebemos que possibilita ensinar e aprender de forma contextualizada, dinâmica, reflexiva e crítica, direcionando o olhar para as tradições religiosas que ao longo do tempo foram excluídas e segregadas no contexto escolar. Tentamos aqui



apresentar, portanto, que a partir de iniciativas como a do projeto de extensão que estão dando certo que o currículo pode reconhecer o Ensino Religioso enquanto componente curricular que contribui para formação humana do cidadão, reconhecendo o outro e respeitando suas diferenças, particularidades no que diz respeito às crenças religiosas e não religiosas. Reconhecemos que as discussões acerca desse ensino que tange as questões curriculares vão mais além e muito se tem para alcançar e avançar nesse ensino.

Referências

CANAU, Vera Maria. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença.** Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.

GARCIA, Regina Leite. MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. Começando uma conversa sobre currículo. In: GARCIA, Regina Leite. MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. **Currículo na contemporaneidade: incertezas e desafios.** 4. ed, São Paulo, Cortez, 2012, p. 09-44.

MOREIRA, Antonio Flávio. CANAU, Vera Maria. (orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.** 2. Ed. Petrópolis: vozes. Rio de Janeiro, 2008.

NASSER, Maria Cecília de Queirós Cabrera. Contando histórias em sala de aula: um dica para o Ensino Religioso. In: KRONBAUER. Selenir Corrêa Gonçalves. SOARES. Afonso Maria Ligorio. (Org). **Educação e Religião: múltiplos olhares sobre o ensino religioso.** São Paulo, Paulinas, 2013, p. 15-34.

PACHECO, José Augusto - A ressignificação do currículo em contextos de globalização. In: ANTÓNIO, Ana Sofia. (Orgs). – **Educando o cidadão global: globalização, educação e novos modos de governação.** Lisboa : Edições Universitárias Lusófonas & Autores, 2009, p.49-65. Acesso em: 05 de Maio de 2016. Disponível em [www:<URL: http://www.ceief.ulusofona.pt/images/stories/ebook.pdf>](http://www.ceief.ulusofona.pt/images/stories/ebook.pdf)

RODRIGUES, Elisa. Formação em Ensino Religioso dilemas e desafios. In: JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. (org.) **Ensino Religioso no Brasil.** Florianópolis, Insular, 2015, p. 119-128.

SACRISTÁN, José Gimeno. O significado e a função da educação na sociedade e na cultura globalizada. In: GARCIA, Regina Leite. MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. **Currículo na contemporaneidade: incertezas e desafios.** 4. ed, São Paulo, Cortez, 2012, p. 45-87.

SILVA, T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Afonso Maria Ligorio. **A contribuição da Ciência da Religião para a formação de docentes ao Ensino Religioso.** Revista REVER· Ano 15. Nº 02. Jul/Dez 2015.